

Nessa ocasião, as casas eram também anunciadas para aluguel no *Diário de Pernambuco*, como nos informa Rita de Cássia Araújo:⁷⁰

“Na cidade de Olinda, praia de S. Francisco, tem uma casa de pedra e cal preparada para alugar-se ou vender-se, perto do banho e da missa”; possuidora também de grande terreno de quintal, pegado na frente terreno para fazer uma boa casa, perto da estrada da estação da maxambomba: quem pretender a ela enquanto é tempo, entenda-se com o dono do palácio episcopal da mesma cidade.

O governo do Estado de Pernambuco, nesta época, tinha também sua residência de verão para uso de seu mandatário, o que mostra a importância na cidade na época do veraneio, como podemos ver nas fotos a seguir. Olinda, como cidade balneária, iniciou outra fase de crescimento. Na época, o governo de Pernambuco foi assumido pelo desembargador Sigismundo Gonçalves, que mandou comprar a residência de verão para os chefes de Estado, localizada próxima ao mar, entre o Varadouro e o Carmo. Esta residência serviu por muitos anos a esta finalidade, no período das estações de veraneio, em Olinda. Posteriormente foi utilizada como escola estadual e muito tradicional de Olinda, o Grupo Escolar Sigismundo Gonçalves, que funciona como instituição escolar até a presente data.



Fotografia 42 – Casa de veraneio do governador de Pernambuco. Início século

XX⁷¹

⁷⁰ ARAÚJO, 2007, p. 262.

⁷¹ Época de Olinda cidade balneário, na atual Av. Sigismundo Gonçalves. Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda.



Fotografia 43 – Vista aérea da Praia do Carmo. Foto 1910-1920⁷²



Fotografia 44 – Vista aérea do Largo do Carmo e Av. Liberdade. 1950⁷³

⁷² Vemos construções típicas para o veraneio, os chalés. A casa na bifurcação da rua, à esquerda, era a do Governador do Estado para esta finalidade. A praia do Carmo, com uma extensa faixa de areia, hoje totalmente desaparecida. Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Olinda.

⁷³ Centro da vida social na época de Olinda, cidade balneário. Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda.



Fotografia 45 – Av. Sigismundo Gonçalves, centro importante do período de veraneio de Olinda. 1910⁷⁴



Fotografia 46a – Remanescente Chalé de Olinda⁷⁵

⁷⁴ Em detalhe, o largo onde hoje fica a Praça do Jacaré e as construções à beira-mar, típicas da época e que substituíram os casebres de pescadores. Fonte: Coleção Cartões Postais, Acervo: Coleção Josebias Bandeira de Oliveira. Arquivo Público Municipal de Olinda.

⁷⁵ Atualmente transformado em restaurante, localizado na Praça do Jacaré, no Sítio Histórico de Olinda. Fonte: Acervo particular da autora. 2007.



Fotografia 46b – Chalé no Sítio Histórico. Século XIX⁷⁶

Importante destacar o relato feito por Manoel Teixeira Neto,⁷⁷ da visão do jornalista olindense, Selênio Homem, em relação a este período de veraneio de Olinda, em que revela, de maneira contundente, as transformações que a cidade passou na época:

No princípio do século, quando campeavam a homeopatia e os banhos medicinais, Olinda virou balneário. A acrópole guerreira, em cujas ladeiras tanto sangue correu e por onde perambularam veteranos da guerra holandesa, passou a acolher as sinhazinhas de dodói que de madrugada, procuravam o mar em atenção ao pudor e à medicina. Foram épocas de retretas, de serenatas e de carnavais.

Novas residências foram erguidas em Olinda e suas praias deixaram de ter apenas as moradias humildes dos pescadores. Receberam novas construções e tomou nova feição, com a chegada desta população sazonal, que vinha na época do verão. Nesta época foi inaugurada a nova estação de rádio *A Rádio de Olinda*, como foi publicado na ocasião, destacando este

⁷⁶ Construção do final do século XIX. Mantém-se em bom estado até o momento atual e foi sempre usada para residência particular. Fonte: Felix Richter.

⁷⁷ TEIXEIRA NETO, 2004, p. 186-187.

grande marco para a cidade, bem como foram projetadas e construídas novas avenidas, como a Avenida Olinda, no trecho da Tacaruna, que abriria novos acessos para a região. Também teve início a extração e produção da “Fosforita” de suas jazidas de fosfato. Foi um período promissor de desenvolvimento para a cidade.

A seguir, cenas dos banhos de mar e os trajés usados pelos banhistas na época:



Banhistas, na praia de Olinda, nos começos do século. A baeta azul-escuro era o «tecido do mar» ideal. Até os homens a usavam nas calças...

Fotografia 47 – Fotos das banhistas em trajés típicos para o banho salgado, na época de Olinda cidade veraneio. 1915⁷⁸

⁷⁸ Foto H. Martins. Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda.



Fotografia 48 – Banhistas em Olinda, em trajés de banho salgado. Anos 30⁷⁹

Olinda era um lugar festivo nesse período de cidade balneário. Às belezas — sol e praias limpas — aliavam-se a infra-estrutura, luz elétrica, transportes, água, oferecendo comodidade e higiene tão afeitas aos hábitos em voga na mente, na cultura e nos costumes da época, influência da medicina higienista. Também havia a tradição de se alugar as roupas para usar no banho de mar, que eram trocadas em cabinas próprias para isso. O depoente Adilson de Almeida Vasconcelos reproduz em suas memórias os tempos em que viveu na cidade e os costumes, nas informações sobre este período de apogeu do veraneio, que seus genitores lhes transmitiram:

A praia era simplesmente a praia de Olinda. Inferior em glamour e atrativos, aos olhos da maioria, às praias de Boa Viagem. Mesmo quem morava em Olinda, se pudesse, iria tomar banho de mar em Boa Viagem, defronte do Acaiaca, da Casa do Navio, ou do Castelinho. Mas nunca no Pina, nem na parte que ficava entre Pina e

⁷⁹ Já apresenta a evolução dos modelos. Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda.

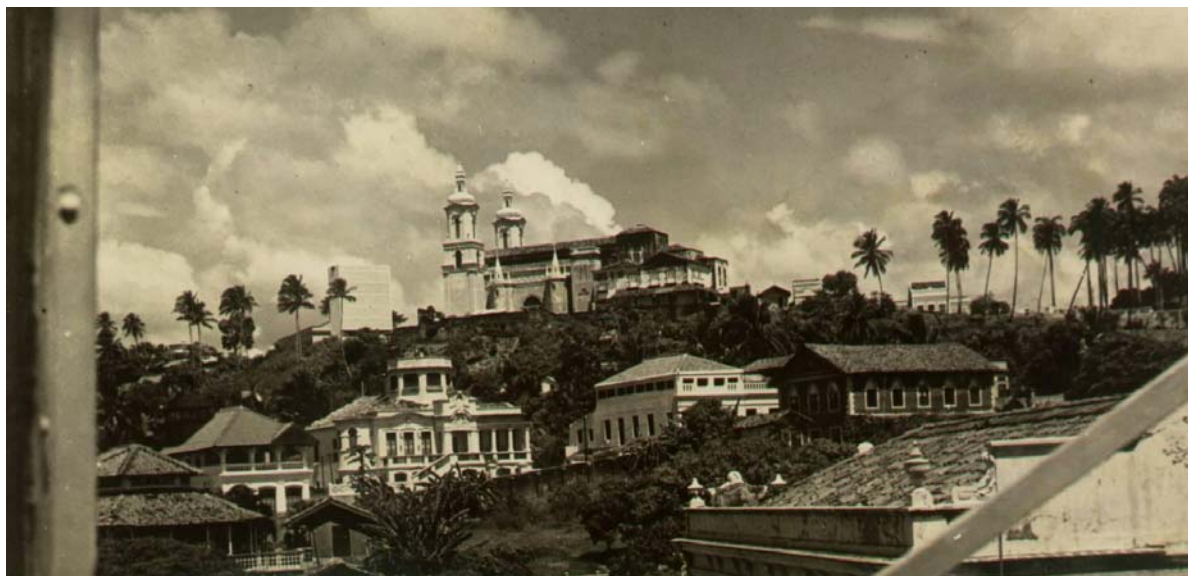
Boa Viagem. Nas praias de Olinda havia os chamados “balneários” (Boa Viagem também os tinha). Eram casas (ou quartos) que alugavam roupa de banho de mar (maiô ou calção) e onde se podia tomar banho de água doce para tirar o sal e a areia para tomar o ônibus de volta para casa. No tempo de mamãe, havia os “banhistas”, empregados da prefeitura que ajudavam as pessoas a se movimentarem no mar durante o banho de mar. Cordas eram fixadas na areia e seguiam mar a dentro, perpendicular à praia. Nos Milagres, na Praça do Carmo, e no Farol, havia os tais “balneários”. Na Praça de Boa Viagem, defronte daquela igreja, também tinha um.

A Cidade de Olinda não era mais a “mãe provedora”, nem conseguia mais suprir seus moradores de suas necessidades e a população procurava em Recife seus serviços: comércio, bancos, escolas de nível superior e, principalmente, emprego. Esta foi uma realidade que a cidade de Olinda viveu durante muito tempo.

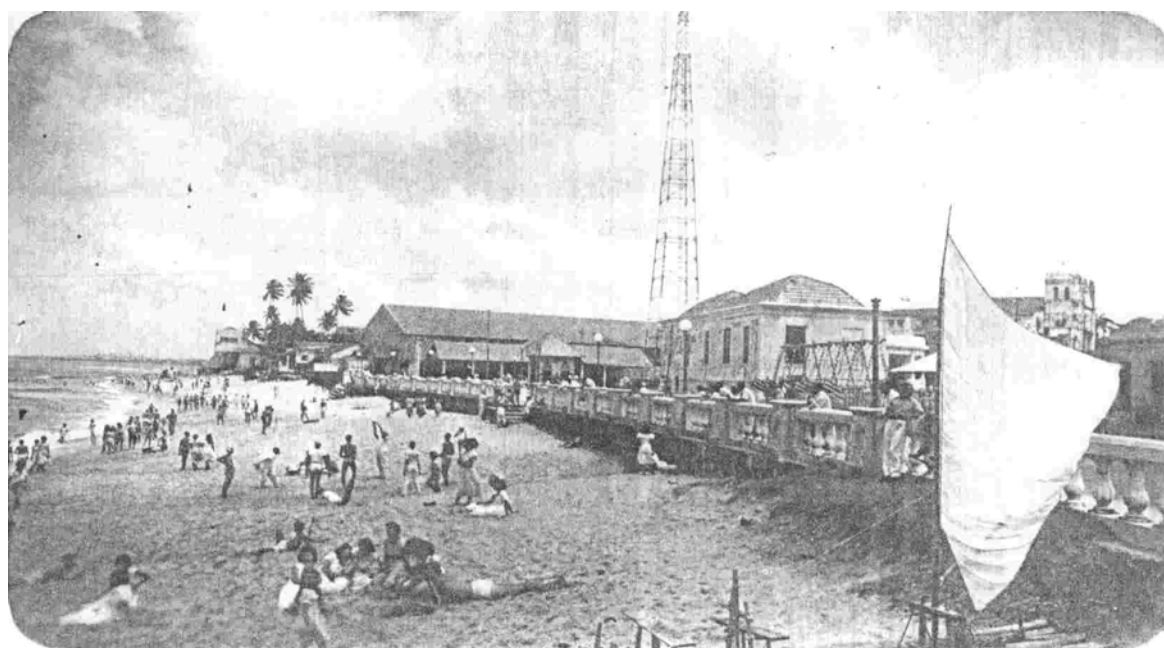
Como é para os olindenses hoje a percepção das duas cidades: suas relações, as semelhanças, as diferenças, a rivalidade, as disputas através dos tempos? Adilson de Almeida Vasconcelos, em seu depoimento, expõe sua visão sobre Recife, com seu desenvolvimento como a cidade provedora, uma contrapartida à observação de Gilberto Freyre⁸⁰ acima, que chama Olinda de “cidade-mãe”:

Recife era a cidade provedora. Tanto de Olinda, quanto de Caruaru, João Pessoa, Natal, e outras da região. Recife é um grande centro. Tinha tudo o que se queria comprar ou assistir ou necessitar — de lojas, ginásios, faculdades, pronto-socorro etc. Até para revelar um filme de fotografia, ia-se ao Recife: Ótica Universal, na rua Nova; Lutz Ferrando, no térreo do Grande Hotel (Praça 17). Discos, na Parlophon, na Modinha, na rua do Sol, atrás do Cine Trianon, na rua da Aurora, a Rozemblit era a única fábrica de discos que eu conhecia fora do circuito Rio/SP.

⁸⁰ FREYRE, 1968.



Fotografia 49 – Olinda na época do veraneio e seus casarões, 1944⁸¹



Fotografia 50 – A praia do Carmo. Anos 50⁸²

⁸¹ Casarões construídos na época pelas famílias abastadas que passaram a veranear ou a morar em Olinda. Ao fundo, a igreja da Sé. Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda.

⁸² Muito freqüentada pelos banhistas, na época de Olinda cidade balneária. À esquerda, o prédio e a torre dos Correios, ao lado do prédio do cinema e a larga faixa de areia existente na época. Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda.

Dayse Maria da Silva Correia, entretanto, aponta uma diferença entre os moradores das duas cidades e falhas na divulgação turística oficial, sobre suas atrações:

Eu observo como se tivesse uma divisão entre Olinda e Recife. Não são unidas, principalmente na parte cultural. Acho que se fiscaliza mais em Recife. Em Olinda, o mais destacado é o Sítio Histórico, mas a orla, os bairros, poderiam ser mais explorados. Não é tão divulgado como Boa Viagem. A orla de Olinda é muito boa; os barezinhos deveriam ser mais divulgados. Divulgam Boa Viagem e eu não acho que seja tão rica! Os turistas chegam a conhecer as praias de Olinda? Porque o ponto mais divulgado é a praia de Porto de Galinha. Eu acredito que eles vão mais para o Sítio Histórico em Olinda. As praias é sempre Gaibu, Porto de Galinhas. O Sítio Histórico, isso é um marco em Olinda: o Alto da Sé e as igrejas.

Ronaldo Guimarães de Almeida Filho não percebe dificuldades de contato entre os moradores de Olinda e Recife:

A relação atualmente entre os moradores de Olinda e de Recife é uma coisa em que eu não vejo nenhum atrito, nenhuma diferença. É tranquilo.

Já Roziane Bernardo de Holanda Ribeiro, percebe uma relação de rivalidade fraterna, também amorosa e hostil e na disputa de espaço e de valorização de cada cidade:

A gente diz que Recife é nosso irmão, nosso primo que tem mais condições que a gente. Primo pobre e primo rico. Acho que ainda tem grande disputa. Porque o pessoal de Boa Viagem, quando vem para cá, diz assim: em Boa Viagem não é assim, a gente fica “arengando” com eles, porque vocês vêm para a cidade da gente? O recifense defende Boa Viagem e o olindense defende sua cidade.

A despeito de serem percebidas como cidades-irmãs, Recife é sempre destacado, nas narrativas, como centro e pólo mais desenvolvido. Olinda é também vista pelos olindenses como evoluindo e atualmente com crescimento significativo. Sandra Maria Maia Silva refere sua percepção sobre a relação entre as duas cidades hoje:

A relação entre as duas cidades Olinda e Recife hoje em dia eu vejo mais irmãs, não sei se é por causa do governo, porque eles compactuam com as mesmas idéias, mas

hoje vejo Olinda mais ativa. O comércio é mais ativo em Recife. Olinda era tida como cidade dormitório, porque as pessoas trabalhavam em Recife e dormiam em Olinda. Isso não acontece mais. Não assim, com tanta proporção como antes. Olinda vem crescendo em relação ao comércio, as empresas grandes estão chegando e Olinda está mudando esta cara de dormitório. As pessoas já têm condição de trabalhar em Olinda, principalmente no comércio.

Já Marília Didier Oliveira Reis aponta os aspectos econômicos e o nível de renda das duas populações, suas ocupações e trabalhos, e focaliza a questão de Olinda “cidade dormitório” de Recife:

No meu entender, a população de Olinda ainda trabalha em Recife, ou no comércio nos supermercados. Olinda ainda é a cidade dormitório, mas já está mudando. Eu acho que essa população que está crescendo é uma população de baixa renda, é a população que encontra casa mais barata, então vai para Olinda. Trabalha em Recife e vai pra Olinda e fica na periferia.

Adilson de Almeida Vasconcelos traz uma visão de um bairrismo mais intenso, marca identitária das populações das duas cidades, que vivenciou como uma experiência de vida. Isso lhe marcou e revela o lado de tensão e agressividade desta rivalidade, tão lembrada nas memórias de seus habitantes. Bairrismo existente também entre os próprios moradores dos diversos bairros de Olinda. Assim ele descreve suas experiências, com base em sua participação em grupos de jovens:

Entre 1950 e 1960, não sei de outras épocas, havia um bairrismo muito forte dos olindenses em relação aos de fora, e entre os próprios olindenses. Tento explicar: pessoas que vinham de fora eram mal vistas. Havia até um nome específico para alcunhá-los: “cogue”. Essa rejeição só ocorria entre os jovens, ou eu só percebia entre os meus iguais. Lembro-me que uma vez, cursava o primeiro ano do Clássico no Ginásio Estadual, na Rua da Aurora, em Recife, e um colega de classe que morava num bairro de Recife, o Barro, lá depois de Afogados e Tejipió, prometeu passar uma tarde lá em casa, em Olinda. Por precaução, fui esperá-lo na Praça do Carmo, onde chegavam os ônibus que vinham do Recife, para evitar algum problema — e ele nem foi! Em escala mais reduzida, é mais ou menos o que hoje ocorre nas favelas cariocas: só sobe quem eles

deixam. Não havia ainda a prática do turismo interno. Ninguém ia a Olinda para vê-la, para ver suas colinas, suas ladeiras, seu casario, suas igrejas, seu carnaval.

Sueli Silva de Lima destaca de outra forma a diferença entre as duas cidades, já trazendo em seu depoimento as questões relativas à segurança e violência que acometem grande parte das cidades brasileiras na atualidade e também Olinda e Recife:

Comparar Olinda com Recife, eu acho Olinda muito melhor. As violências hoje em Recife, são piores do que as daqui de Olinda.

Olinda foi sobrepujada pelo Recife sendo esse processo contínuo e materializado até nossos dias, como nos esclarece ainda Gilberto Freyre,⁸³ em seu estudo sobre as duas cidades:

O Recife, desde a ocupação do Norte do Brasil pelos holandeses, ganhara condições de metrópolis regional. De modo que a transferência daqueles elementos de Olinda para Recife não se fez por simples capricho político nem de repente. Fez-se aos poucos. Continuou fazer-se depois da Independência: em 1827 era completa.

Após apresentar os graves problemas históricos de Olinda — que a afastaram cada vez mais do Recife no tocante ao desenvolvimento — e sua fase de apogeu, como cidade balneária, iremos apresentar outro ciclo de declínio vivido pela cidade. Referimo-nos ao momento em que Olinda perdeu a posição de cidade balneária mais freqüentada em Pernambuco, para as novas praias ao sul do Recife, principalmente a Boa Viagem, o que permanece até hoje e foi mais um golpe para o narcisismo dos olindenses, para seu orgulho e para sua velha rivalidade.

5.2 OLINDA E A NOVA INVASÃO: A DESTRUIÇÃO DE SUAS PRAIAS

Um novo ciclo na história de Olinda teve início e outra vivência de perda e devastação foi sofrida em meados do século XX: o avanço do mar na orla da cidade. As chamadas “Ressacas”,⁸⁴ que invadiram violentamente a cidade, chegando a destruir seu istmo, ruas e casas.

⁸³ FREYRE, 1968, p. 113.

⁸⁴ “Ressaca – [De re + saca]. S. F.1. Refluxo de uma vaga, depois de espriair ou de encontrar obstáculo que a impede de avançar livremente; 2. A vaga que se forma nesse movimento de recuo; 3. O encontro dessa vaga com outra (a saca), que avança para a praia ou para o obstáculo; 4. Bras. Investida fragorosa, contra o litoral, das vagas do mar muito agitado; 5. Fluxo e refluxo; inconstância, versatilidade, volubilidade. (FERREIRA, 1986, p.1.496). Sobre o tema do avanço do mar e das ressacas de Olinda, ver o trabalho do ex-presidente do Instituto Histórico de Olinda, que traz um amplo detalhamento da situação: SCHMALZ, Alfredo Carlos. As históricas Ressacas em Olinda. *Anuário de Olinda*, Olinda, n. 2. XV-XVI, p. 40-44, set. 1965.

Sobre a questão, Rita de Cássia Araújo⁸⁵ escreve: “Olinda outrora destruída pelo fogo, era agora castigada pelo mar, que ameaçava levar consigo praias, coqueiros, ruas e casas residenciais.”

O mar avançou, conquistando suas praias até atingir o sopé de algumas de suas famosas colinas. Foram destruídas casas e ruas inteiras, tendo desaparecido a Avenida do Nascente. As cheias afetaram as praias do Carmo, Milagres, São Francisco e a do Farol. Os aterros sucessivos das regiões de mangues e alagados e as obras de dragagens e ampliação do porto do Recife promoveram o desequilíbrio ecológico e resultaram nesta destruição, como destaca Luiz Beltrão⁸⁶ em suas memórias sobre Olinda:

Do litoral olindense cujo mar, com o aterro dos alagados e as obras de manutenção do porto do Recife, espreitava o momento sombrio em que, com fúria devastadora, destruiria casas e balneários e chegaria a abalar as próprias bases das gloriosas colinas da cidade eterna.

Entre 1647 e 1876 já ocorrera um pequeno avanço do mar. Na década de 1950, face às questões acima descritas, Olinda sofreu um longo processo de destruição de suas praias e perdeu a posição de balneário sofisticado para a população abastada de Recife. Viu suas ruas inteiras sendo tragadas pelo mar, pelo fenômeno das ressacas.



Fotografia 51 – Praia dos Milagres e suas casas de veraneio destruídas pelo avanço do mar, 1960 a 1963⁸⁷

⁸⁵ ARAÚJO, 2007, p. 290.

⁸⁶ BELTRÃO, 1996 p. 174.

⁸⁷ Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda. Coleção Severino Fragoso.



Fotografia 52 – Praia dos Milagres e suas casas de veraneio destruídas pelo avanço do mar, 1960 e 1963⁸⁸

O trabalho de Marília Didier⁸⁹ é significativo, pelo relato dos detalhes da destruição:

Foram tragadas pelas ondas dezenas de casas e desapareceu uma rua inteira, a do Nascente, que ficava à beira mar, bem como, um lado da sua primeira rua paralela, a dos Milagres. O litoral da praia dos Milagres chegou a ter três ruas que foram completamente tomadas pela ação do avanço do mar. Com elas, centenas de casas de pescadores, balneários e sobrados, cujos quintais davam para a praia, foram destruídos.

A primeira grande ressaca data de 1948, e a praia dos Milagres foi uma das mais atingidas, ao lado da praia do Carmo, que teve ruas e casas destruídas. Também Luiz Duarte⁹⁰ confirma a devastação, ao descrever consternado: “O avanço marítimo da orla olindense, tem sido um fenômeno constante e inexplicável pelos entendidos em geologia, oceanografia e engenharia naval, o certo é que as ressacas muito têm martirizado boa parte da velha cidade e destruíram o ‘Istmo de Olinda’.” O autor prossegue, comentando o fenômeno que tanto estrago e destruição trouxe para a cidade de Olinda:

⁸⁸ Podemos ver restos de construção e muros de alvenaria caídos. Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda. Coleção Severino Fragoso.

⁸⁹ DIDIER, 1998, p. 12.

⁹⁰ DUARTE, 1976 p. 132.

Os olindenses nunca se intimidaram com tal fenômeno e teimosamente construíram por várias vezes, casas e até palacetes, formando o arruado da hoje desaparecida Avenida do Nascente, em consequência das ressacas, que destruíram casas nas tradicionais praias balneárias dos Quatro Coqueiros, Milagres, Carmo e o Farol do antigo Forte de Montenegro.⁹¹



Fotografia 53 – Destruição das casas pelas ressacas do mar em Olinda, na praia dos Milagres. Década de 1960⁹²

⁹¹ DUARTE, 1976, p. 132.

⁹² A foto mostra que eram casas de alvenaria, típicas das construções à beira-mar para o veraneio, já que as habitações dos pescadores na região eram casebres de construções simples de madeira ou de taipa. Fonte: Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda. Coleção Severino Fragoso.



Fotografia 54 – Padrão de construção das casas de veraneio em Olinda, à beira-mar.

Década de 1960⁹³

Olinda passou à condição de dependente da ajuda externa para as obras necessárias para a preservação de suas praias, uma vez que a Prefeitura, sozinha, não tinha condições de arcar com o ônus das obras. Vários projetos de recuperação da cidade foram elaborados nesse momento, como relata Fernando Novaes:⁹⁴

⁹³ As casas tragadas pelo mar eram de alto padrão construtivo, com mais de um pavimento, com escadas e detalhes arquitetônicos, como os balaústres e decoração nos terraços envidraçados. Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda.

⁹⁴ NOVAES, 1990 p. 47.

Os estudos indicaram a necessidade de construção de espigões nas praias olindenses, paralelos à costa e a curta distância, para quebrar o ímpeto da correnteza marítima vinda do sudeste [...] o início da construção dos enrocamentos protetoras das praias demorou vários anos, começando em 1959.

Apresentamos notícias documentadas pelo Congresso Nacional que expressam a gravidade da situação da cidade, a mobilização dos políticos para tentar resolvê-la e a importância de seus defensores, entre eles o médico e escritor Josué de Castro:⁹⁵

Ameaça ao patrimônio cultural de Olinda - Sr. *Josué de Castro*: – Sr. Presidente, recebo de minha terra, o Estado de Pernambuco, apelos de várias ordens, dentre os quais destaco o do prefeito de Olinda, Sr. Barreto Guimarães, todos no sentido de que chamasse a atenção da Casa para o estado de tragédia, de verdadeira calamidade pública em que se encontra essa cidade, a velha e antiga capital de Pernambuco, tristemente ameaçada de violenta corrosão pelo mar, que destrói as terras baixas, costeiras, onde assenta grande parte da cidade. Sabe a Casa, muito bem, que Olinda representa glorioso patrimônio nacional. Ela significa algo de extraordinária importância na história do Brasil, nas lutas holandesas, quando desempenhou o papel de vigoroso baluarte defensivo da nacionalidade, contra a ocupação estrangeira. Representa, ademais, tipo de arquitetura colonial da mais alta expressão na história, na evolução cultural de Pernambuco e do Brasil [...] Esta é a ameaça que dolorosamente pesa sobre a cidade, de ver destruídos os velhos casarões de tradição histórica e arquitetônica. O mar destrói desabridamente as costas. O fato deve calar fundo no espírito daqueles que representam o povo, sua história e sua tradição [...]

Foi outro longo período difícil e de grande sofrimento para sua população, marcando uma segunda *ferida narcísica* para o “orgulho” e o “amor” dos olindenses a sua cidade. Muitos anos foram necessários para que as praias fossem protegidas destes avanços do mar — as ressacas — e até hoje permanecem nelas os diques de proteção construídos. Foi uma nova *invasão*, não mais dos holandeses, que a destruíram no passado com um incêndio e que os olindenses tiveram que enfrentar e expulsar. Desta vez, tiveram de lutar contra a força da própria natureza: o mar. As praias do Sítio Histórico de Olinda nunca mais voltariam a apresentar sua natural beleza e balneabilidade. Várias foram as tentativas de estudos e soluções buscadas, como relata Luiz Duarte:⁹⁶

Em 1956, não dispondo o Brasil de laboratório especializado em hidráulica marítima, recorreu-se à França, contratando-se o Laboratório de Grenoble para diagnosticar a situação, cujos resultados foram [...] a construção de dois cais longitudinais, submersos com 560m cada, a 200 m de costa seguindo-se uma seqüela de espigões transversais. A obra de enrocamento.

⁹⁵ Diário do Congresso Nacional, Seção I, de 8/7/1961, p. 7.

⁹⁶ DUARTE, 1976, p. 188.

A Prefeitura de Olinda, por vários anos pediu ajuda estadual e federal para as obras de contenção contra o avanço do mar, num período de mais de 30 anos consecutivos. Já em 1956, o jornal olindense *A Voz de Olinda* trazia em suas manchetes as notícias da aprovação de verba de 20 milhões de cruzeiros para as obras de defesa das praias de Olinda. Os pedidos de verba para conter as ressacas foram noticiados pelos jornais recifenses e olindenses, por várias décadas.

As notícias a respeito, publicadas nos principais jornais pernambucanos, destacaram insistentemente a situação de Olinda na época. As fotos mostram também, com mais detalhes, os trabalhos de contenção feitos com diques de pedras que, avançando sobre o mar, foram sendo construídos ao longo da orla de Olinda, principalmente no entorno do Sítio Histórico. Como proteção para a fúria das ondas no processo de ressaca, as praias receberam também proteção de pedras ao longo de sua costa. Isto implicou no desaparecimento da faixa de areia e as praias perderam irremediavelmente sua balneabilidade.⁹⁷

⁹⁷ Sobre o tema do avanço do mar na imprensa de Pernambuco, os seguintes jornais da época registram: Diário de Pernambuco de 05/10/77 destaca, em sua manchete, p. 1: “Começam as obras de diques para a defesa de Olinda”. Diário de Pernambuco de 26/10/78, anuncia a inauguração, à noite, do cais de proteção de Olinda, construído pela COBRÁULICA. O *Jornal do Comércio* destaca, em sua edição de 20/01/81: “Início do dique de defesa de Olinda”. Destacamos também outras freqüentes notícias a respeito do tema: O *Diário de Pernambuco* noticia, em 17/05/83, revelando que o fenômeno ainda se repetia: “Ressacas destroem Carmo e Milagres”. O *Jornal da Semana*, de Olinda, em sua edição de 15 a 21/05/83, destaca: “O mar continua destruindo tudo”. O *Diário de Pernambuco*, na edição de 12/06/84, denuncia: “Olinda pede ajuda para conter o mar”. Em sua edição de 20/03/84, declara: “Ressacas: Governo é responsabilizado”. A *Folha de Pernambuco*, em sua edição de 14/11/2006, fez uma retrospectiva histórica das obras realizadas em Olinda, visando a contenção do mar e a construção dos espigões para este fim: 1958-1962: dois diques paralelos às praias e três espigões; década de 60: Construção de três espigões; sete quebra mares; rebaixamento da guia da corrente da praia de Rio Doce; recuperação do talude da Av. Beira-Mar e calçadão da orla marítima em Casa Caiada; 1997-2000: realização do estudo de vulnerabilidade das praias e construção de um dique paralelo à Praia dos Milagres; 2001-2005: organizado um reordenamento e construções da Orla, além das obras emergenciais no Bairro Novo e Casa Caiada; 2006: monitoramento ambiental integrado. Convênio com a UFPE e os Municípios de Jaboatão, Recife e Paulista.



Fotografia 55 – Flagrante da construção dos diques de proteção contra ressacas. 1960⁹⁸

⁹⁸ Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda



Fotografia 56 – Vista aérea da Praia dos Milagres com sua proteção de pedras contra as ressacas. 1996⁹⁹

⁹⁹ Desapareceu a sua faixa de areia e com isso a sua balneabilidade. Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda.



Fotografia 57 – Foto recente da orla do Bairro Novo, 2007¹⁰⁰

De fato, foi necessário um movimento político conjunto, envolvendo os governos municipal, estadual e federal, que durou décadas, como pudemos constatar nas notícias veiculadas pela imprensa de Recife e de Olinda a respeito, para angariar verbas para a defesa de Olinda contra o avanço do mar. Foi também pedida ajuda internacional para este fim. Destacamos a atuação do ex-deputado e ex-prefeito de Olinda, Barreto Guimarães (1959-1963),¹⁰¹ que durante anos foi incansável na luta pela defesa da cidade, tendo escrito inúmeros artigos para jornais e revistas sobre o assunto.

A Fotografia 58 mostra sua participação em reunião realizada em Olinda, com o Presidente da República Juscelino Kubitschek, em busca de verbas para as obras de contenção das praias:

¹⁰⁰ Em detalhes, seus diques de proteção que permanecem lá, o que impede que a praia seja usada pela população, para os banhos de mar. Fonte: Acervo particular da autora. 2007.

¹⁰¹ Cf. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 1, edição de 27 out. 1985 e ainda *Diário de Pernambuco*, Recife, edição de 15 de outubro de 1985, p. 3.



Fotografia 58 – Barreto Guimarães e a bancada federal de Pernambuco, 1955¹⁰²

Foram muitas as matérias publicadas pela imprensa de Pernambuco, em Recife e em Olinda, em busca de apoio das autoridades para o drama que a cidade vivenciava.¹⁰³ O jornal *Diário de Pernambuco* resume o que a cidade viveu e a perda de sua importante posição de cidade balneária da região. As ressacas que atingiram suas praias e permanecem até os dias atuais trazem reflexos para toda a população olindense, que viveu não só perdas materiais como também emocionais.

A população freqüentava suas praias, desde o período de Olinda cidade balneária, e havia a participação das famílias nos chamados ‘banhos salgados’, como uma prática de lazer e de sociabilidade. Como foi então para esta população o período das ressacas, quando o mar

¹⁰² Os Deputados Jarbas Maranhão e Irineu Pontes Vieira conseguiram sensibilizar o Presidente Juscelino para a defesa das praias de Olinda. Visita do Presidente Juscelino a Olinda. Fonte: Álbum de Família.

¹⁰³ “[...] em 28.9.81, Barreto Guimarães registra a conclusão dos trabalhos. No requerimento apresentado em 25.9.81, aproveita para fazer um breve histórico dessa luta travada durante várias décadas por ‘todas as Olindas’, em cujas fileiras ele pontificava como um dos soldados mais aguerridos [...] Sabe-se que, há mais de 40 anos, o fenômeno do avanço do mar nas praias da histórica cidade pernambucana tem causado danos irreparáveis e prejuízos incalculáveis. Basta citar o fato de que, ao longo de três quilômetros, dos Milagres ao Farol, todas as casas da orla marítima foram totalmente destruídas. GOUVEIA, Graça. O último mandato popular. In: GOUVEIA, Graça. *Por amor a Olinda* – Barreto Guimarães. Disponível em: <<http://www.alepe.pe.gov.br/perfil/parlamentares/BarretoGuimaraes/09.html>> Acesso em: 3 fev. 2008. p. 1. Matéria recentemente publicada pelo Ministério Público de Pernambuco sobre as ressacas em Olinda, trata da questão do estado das praias e destaca os 38 diques e sete arrecifes artificiais, obras realizadas na década de 70. *Diário de Pernambuco*, seção Vida Urbana, de 23 de agosto de 2007.

não só invadiu como destruiu ruas, casas e praias, que se constituiu em mais um ciclo de declínio para a cidade?

A cidade de Olinda viveu vários períodos de problemas graves, de muitas perdas que afetaram muito sua população, porque foram várias as famílias que tiveram suas casas destruídas, assistiram às ruas serem tomadas, significando isso que bens materiais foram atingidos, ao lado de todas as perdas e lutos psicológicos decorrentes desta destruição. Lembranças de períodos de vida passados nestas ruas, bairros e praias, que a população de Olinda freqüentava em seu dia-a-dia. Há sentimentos de perdas e de grande tristeza em Olinda desta época, como nos apontam os depoentes que viveram esses dramas, por conta da experiência de ser retirado de suas vidas seu espaço de lazer.

Adilson de Almeida Vasconcelos nos traz as representações que reteve na memória desse período de sua vida, quando criança, cuja família vivenciou perdas e lutos, já que teve uma das casas em que viveu perdida, pois virou “escombros” e “ruínas”. Estes significantes nos remetem à idéia de perda, desaparecimento, destruição e morte. São experiências que requerem o trabalho de luto e que podem ser transformadas em “traumas psíquicos”, quando permanecem sem a possibilidade de elaboração. A casa em que residiu foi totalmente destruída pelo mar e a rua desapareceu totalmente. Portanto viveu, ao lado de sua família, a falta destes referenciais de sua infância e a importância disso em sua vida é revelada pela riqueza dos detalhes contidos em suas lembranças, que não foram apagadas pelo tempo e permaneceram conservadas:

Desde a nossa infância, praia se confundia com escombros, com ruínas de casas. Por eu ter nascido em 1943, "nossa infância", refere-se a um período vago entre 1945, 1946, até 1956, quando já me considerava "gente grande". Minha infância passou-se na Olinda Velha, na Rua 27 de Janeiro, ao lado da Igreja Matriz de São Pedro. A praia era a "Praia dos Paus", íamos a pé, passava num beco ao lado do "Castelo", era um casarão majestoso destruído pelo mar. E, porque "Paus"? Havia umas seis ou oito toras de madeira, enormes, fíncadas na areia, cuja finalidade era amortecer o avanço das águas do mar que há muito destruíam as casas. Era entre a Praça do Carmo e a Av. Sigismundo Gonçalves. Lá se via blocos de alicerces de tijolo e cimento, polidos pelas águas que sustentaram antigas casas já destruídas pelo mar. Assim, no final da década de 40 já era patente o avanço do mar naquela área. Em 1947 nos mudamos da Rua 27 de Janeiro para a Travessa do Fortin, onde ficamos até 1951. Hoje a Travessa do Fortin não mais existe. O mar tragou-a totalmente, levando

a casa que moramos. O forte [de São Francisco] ainda existe. E esse avanço tomava proporções assustadoras no mês de agosto, que era o avanço, sem volta, do mar, engolindo alguns metros de praia.

Como foi para os olindenses a questão das ressacas do mar e a destruição de suas praias que durou um período tão longo? A seguir o que ficou registrado na memória dos irmãos Aldo Bezerra Cavalcanti¹⁰⁴ e José Cisneiro Cavalcanti,¹⁰⁵ que foram testemunhas oculares do drama de Olinda com este avanço do mar. As perdas vividas por eles e por suas famílias ilustram o sofrimento da população. Vejamos o relato de Aldo Bezerra Cavalcanti:

Um tema importante na história de Olinda foram as enchentes das praias. Aqui foi uma tristeza e muita destruição. Sabe o Pronto de Socorro? A Igrejinha dos Milagres? Tinha quatro ruas de casas, o mar foi destruindo tudo, devagarinho, destruiu tudo. Já tinha derrubado tudo até o Carmo. Aquele cinema no Carmo era lá em baixo, não tinha casa não. O Cassino, o Clube Atlântico tinha mais de 500 metros de faixa de areia, agora a água esta batendo nas pedras.

Destacamos agora a opinião do depoente José Cisneiro Cavalcanti sobre estas perdas, já que guarda na memória os tempos de infância e de adolescência vividos na Praia dos Milagres, em Olinda, que freqüentava ao lado de sua família:

Estudei muito pouco. E meu tempo de Olinda no Varadouro foi a coisa mais linda do mundo! Por causa da praia, toda a minha folga eu estava na praia dos Milagres, que era a coisa mais linda do mundo, não existia uma praia melhor no Brasil do que a dos Milagres. Tomei muito banho ali, foi uma beleza! O mundo é que mudou muito. Em Olinda a gente não tem mais lazer, não existe porque nem praia tem mais. Acabou a praia dos Milagres, não tem mais lazer no Varadouro.

Adilson de Almeida Vasconcelos, em seu depoimento, destaca ainda as iniciativas políticas junto ao governo federal, na busca de verbas para as obras de contenção em Olinda:

¹⁰⁴ Aldo Bezerra Cavalcanti, olindense de família tradicional, 81 anos, filho de proprietários de ônibus em Olinda, ex-motorista de ônibus e de caminhão, aposentado da CHESF, morador do Sítio Histórico de Olinda, no bairro do Varadouro, onde reside toda a sua família há várias gerações.

¹⁰⁵ José Cisneiro Bezerra Cavalcanti, olindense, 79 anos, irmão de Aldo. Ex-motorista de táxi aposentado, morador do bairro do Varadouro no Sítio Histórico de Olinda, onde reside com filhos e netos.

Em 1956, no governo de Juscelino Kubitschek, o então Ministro de Viação e Obras Públicas, Almirante Amaral Peixoto, foi pessoalmente à praia do Carmo inaugurar solenemente as obras de contenção do avanço do mar, resultantes de estudos feitos nos Laboratórios de Grenoble, na França. Tais obras consistiam na construção de "caminhos" que entravam centenas de metros mar a dentro, feitos com enormes blocos de pedras, que pareciam ser daquelas que se fabricavam os paralelepípedos do calçamento das ruas, no mar, fazendo um dique paralelo à praia. Feito o dique, tais "caminhos" seriam desfeitos, permanecendo apenas o dique. Esses enormes blocos de pedra eram carregados diuturnamente, para alegria dos olindenses, que esperavam conter a fúria do mar. O dique permanece nas praias de Olinda até hoje.

As perdas e o penoso trabalho de luto que o sujeito faz para elaborar o sofrimento pelas perdas dos objetos de seus investimentos amorosos foram temas da importante obra de Sigmund Freud¹⁰⁶ *Luto e Melancolia*, no qual apresentou sua teorização sobre o assunto. As perdas podem ser tanto de pessoas amadas como também de lugares, objetos materiais importantes e valorizados pelo “Eu”, tal como descrito pelo autor:

O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante [...] No luto, verificamos que a inibição e a perda de interesse são plenamente explicadas pelo trabalho do luto no qual o ego é absorvido. No luto é o mundo que se torna pobre e vazio.¹⁰⁷

Ainda neste mesmo texto, Sigmund Freud¹⁰⁸ explica o importante trabalho do luto como uma etapa normal que o sujeito passa, diante das inevitáveis perdas que a vida lhe impõe:

Em que consiste, portanto o trabalho que o luto realiza? Não me parece forçado apresentá-lo da forma que se segue. O teste da realidade revelou que o objeto amado não existe mais, passando a exigir que toda a libido seja retirada de suas ligações com aquele objeto. Essa exigência provoca uma oposição compreensível — é fato notório que as pessoas nunca abandonam de bom grado uma posição libidinal, nem mesmo, na realidade, quando um substituto já se lhe acena. Normalmente prevalece o respeito pela realidade [...] É notável que esse penoso desprazer seja aceito por nós como algo natural. Contudo, o fato é que, quando o trabalho do luto se conclui, o ego fica outra vez livre e desinibido.

Para a população de Olinda, a perda de suas praias, desses espaços de vivências e convivências, representou um importante drama e, conseqüentemente, um outro grande luto

¹⁰⁶ FREUD, 1974j.

¹⁰⁷ Idem, 1974i. p. 275-278.

¹⁰⁸ Ibidem, p. 276-277.

vivenciado, uma outra “ferida narcísica” que lhe foi imposta. As fotos das praias do Carmo e do Bairro Novo mostram como elas estão atualmente, em toda a extensão do entorno do Sítio Histórico de Olinda. Isso afetou as praias dos Milagres, do São Francisco, do Carmo, do Farol e do Bairro Novo, principais praias usadas no período do veraneio. Sendo a praia do Carmo a mais importante delas, por ter sido o centro da vida social na época de Olinda cidade balneário.

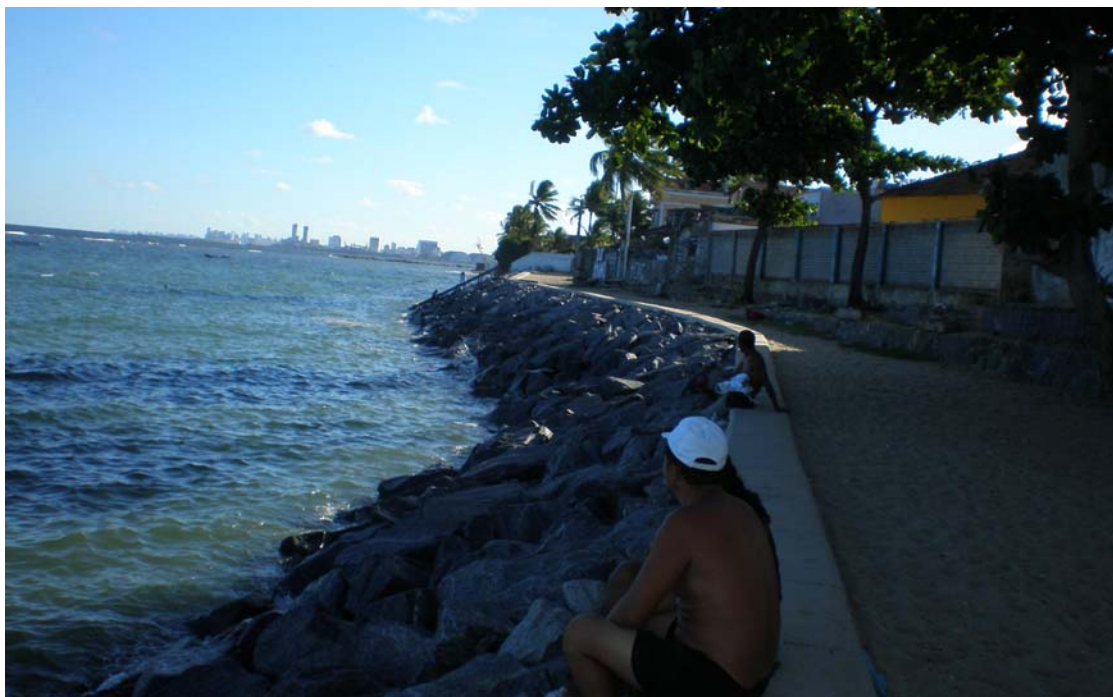
Os diques de proteção das praias chegaram até as construções, pelo desaparecimento da faixa de areia antes existente. Com isso a população de moradores do entorno do Sítio Histórico perdeu o espaço das praias para seus banhos de mar, lazer típico dos olindenses, como vimos nos depoimentos acima, dos irmãos Cavalcanti, que freqüentavam a praia dos Milagres, uma das mais comprometidas com as ressacas de Olinda. Eles acompanharam toda a destruição dessa praia, onde antes desfrutavam momentos de lazer com a família.

Na seqüência, as fotografias nos permitem visualizar os mesmos locais que, apesar de protegidos, pois as ressacas de fato diminuíram o poder de destruição do mar, se transformaram em praias em que o banho de mar não é permitido atualmente, em razão estagnação das águas e da conseqüente contaminação.



Fotografia 59 – Praia do Carmo, 2008¹⁰⁹

¹⁰⁹ Em primeiro plano, o antigo cinema de Olinda, hoje em ruínas, e as pedras que formam uma barreira protetora. Não existe mais a faixa de areia da praia. Fonte: Acervo particular da autora.



Fotografia 60 – Praia do Carmo, 2008¹¹⁰



Fotografia 61 – Dique de proteção na praia do Bairro Novo, 2008¹¹¹

¹¹⁰ No primeiro plano, vemos a proteção de pedras e ao fundo a cidade de Recife. Fonte: Acervo particular da autora.

¹¹¹ Obras de urbanização concluída pela prefeitura de Olinda em 2007. As praias desta região ainda continuam sem balneabilidade, em razão das águas estagnadas pelos “espigões” de pedras. Fonte: Acervo particular da autora.

O que se evidencia em Olinda é a destruição das praias — a cidade tem 12 km de praias sem balneabilidade, devido às proteções contra o avanço do mar e à estagnação das águas causada pelos diques artificiais. Rita de Cássia Araújo,¹¹² em sua detalhada pesquisa sobre as praias de Olinda e Recife, destaca a polêmica gerada na época, em função das causas do fenômeno:

O mar comeu tudo. Em meados do século XX, Olinda perdia suas praias de banho para o oceano mar. A cidade que progressivamente perdeu o título de balneário *chic* e elegante de Pernambuco para Boa Viagem, ficava sem as movimentadas praias dos Milagres, Carmo, São Francisco e Farol.

Alfredo Carlos Schmaltz,¹¹³ em seu trabalho sobre o tema, defende a idéia de ter sido reflexo das obras de ampliação do porto do Recife e a construção da Base Naval, na estrada que liga Recife a Olinda, obra que demandou grandes aterros e teve como consequência as mudanças nas correntes marítimas.

Rita de Cássia Araújo¹¹⁴ faz referência às muitas matérias publicadas na época sobre os efeitos dos aterros e da ampliação do porto do Recife. Cita, por exemplo, matérias publicadas no jornal *Diário de Pernambuco*, por Tadeu Rocha, em 1983, que atribuiu o fenômeno das ressacas ao movimento do Oceano Atlântico, que estaria retornando a seus antigos domínios, quando ia desde bem próximo das colinas de Olinda até o cabo de Santo Agostinho. São todas hipóteses, que foram intensamente debatidas na ocasião das ressacas olindenses. Os estudos mais recentes, feitos por Fábio Pedrosa,¹¹⁵ foram publicados pelo Diário Oficial. Esse autor resumiu em sua tese os dados históricos desse problema.

Trinta e oito diques e sete arrecifes artificiais. São essas as intervenções que, desde a década de 70, afastam o avanço do mar das construções na orla de Olinda e garantem um pouco de tranqüilidade aos moradores da beira-mar. Também responsável por problemas nas cidades de Jaboatão dos Guararapes e Paulista, o processo de erosão costeira já reduziu em 40 hectares a faixa de areia das praias olindenses e provocou o sumiço quase total da desconhecida Praia de São Francisco. Mas, por enquanto, a força das ondas está contida no município pelas obras de proteção construídas ao longo dos 10 quilômetros de costa. A medida não impediu a perda de patrimônio natural e paisagístico do conjunto de sete praias, já considerado um balneário para a população de Pernambuco, mas manteve distante o risco de abalo às estruturas físicas do local.

¹¹² ARAÚJO, 2007, p. 435.

¹¹³ SCHMALTZ, 1965.

¹¹⁴ ARAÚJO, op. cit. A autora cita as matérias assinadas por ROCHA, Tadeu. Planos e obras de urbanização do Recife. *Diário de Pernambuco*, Recife, 5, 15, 22 e 29 de maio e 5, 12 jun. 1983, em que essa questão foi levada ao conhecimento do público e gerou muita polêmica.

¹¹⁵ PEDROSA, Fábio. *Aspectos da evolução da linha de costa no município de Olinda entre 1915 e 2004: evidências dotecnôgeno em Pernambuco*. Disponível em: <[http://www.mp.pe.gov.br/index.pl/clipagem 2308](http://www.mp.pe.gov.br/index.pl/clipagem%20308)> Acesso em: 8 set. 2007. p. 70. Ver ainda na obra desse autor dados de 89 anos, entre 1915 e 2004, sobre a costa de Olinda. Através de mapas, fotografias e depoimentos históricos, o pesquisador conseguiu identificar os trechos mais afetados pelo avanço do mar, as razões que intensificaram a erosão e as possibilidades de cenários para os próximos anos. Ver também: Diário Oficial de Pernambuco, Seção Vida Urbana, de 23 de agosto de 2007, p. 5.

Não só o mar fez estragos na cidade. Olinda se viu confrontada com nova ameaça à integridade de seus monumentos e casarios. Desta feita o problema não veio do mar, mas de suas entranhas. As famosas colinas começaram a ceder e isso interfere diretamente nas estruturas de suas construções seculares, que começam a apresentar rachaduras em suas edificações. Isso vem acontecendo tanto nas construções das igrejas, mosteiros e conventos, como também nas residências seculares de seu Sítio Histórico.¹¹⁶

Para uma cidade histórica e turística, seus monumentos são sua própria alma. E Olinda teve suas antigas igrejas e seu casario ameaçados. O que tem sido um grave problema para sua população e para os proprietários das residências situadas nas históricas ladeiras de Olinda. Vamos ver o que tem acontecido e quais as providências que estão sendo tomadas em relação a esta nova realidade de Olinda, que significa risco de novas perdas.

5.3 EROSÃO DAS COLINAS DE OLINDA



Fotografia 62 – Igreja do Carmo com rachaduras na fachada, 2007¹¹⁷

¹¹⁶ GUSMÃO FILHO, Jaime. *A cidade histórica de Olinda: problemas e soluções de engenharia*. Recife: EDUFPE, 2001.

¹¹⁷ Fonte: Acervo particular da autora.



Fotografia 63 – Projeto Monumenta, 2007¹¹⁸

Não só o mar trouxe dramas à cidade de Olinda em seus ciclos de declínio, já apontado por seus moradores. Há muito tempo Olinda vem sofrendo um processo lento de erosão e deslizamento de seus montes, o que, com o passar do tempo, vem prejudicando suas seculares construções e seus importantes monumentos históricos. Estas interferências têm causado rachaduras nas igrejas e demais construções e também nos casarios olindenses. Entre os mais atingidos estão as igrejas de construções seculares, a saber: o Mosteiro de São Bento, a Igreja do Carmo — que já experimentou recentemente obras para seu escoramento —, o Convento de São Francisco, o Seminário e sua igreja de Nossa Senhora das Neves. Vários estudos geológicos foram realizados para elucidar o fenômeno e chegou-se a alguns diagnósticos, como relata Luiz Duarte:¹¹⁹

O escorregamento das terras, conseqüente a uma erosão subterrânea, explicando que as águas dissolvem o calcário que forma o substrato dos morros e no seu interior, as águas abrem cavernas, cujo desmoronamento provocaria recalques bruscos sem sinais imediatamente perceptíveis nas estruturas.

Como foi referido, sofre Olinda, em suas próprias entranhas, mais uma ameaça contra o que tem de mais especial — seus históricos templos, monumentos e casarões coloniais —,

¹¹⁸ Projeto desenvolvido com recursos do Ministério da Cultura. Restauração da igreja do Carmo. Fonte: Acervo particular da autora.

¹¹⁹ DUARTE, 1976, p. 188.

que estão rachando e obrigando a população a consertar suas casas. Com relação aos monumentos, as igrejas já começam a ser escoradas e o casario recuperado.¹²⁰

A igreja do Carmo, conforme ilustram as fotos acima, uma das mais atingidas, está com suas obras de restauração, realizadas recentemente, com a ajuda do governo federal, pelo Projeto Monumenta do Ministério da Cultura, em fase de conclusão. A foto da fachada da igreja de Nossa Senhora do Carmo mostra a gravidade da situação e da ameaça aos monumentos, pela erosão dos morros em Olinda.

Outros monumentos encontram-se em fase de reforma. A necessidade de escoramento, entretanto, tem alcançado as residências seculares na área do Sítio Histórico, o coração de Olinda, exigindo uma rápida solução por parte dos políticos, técnicos, proprietários moradores e de toda a municipalidade. São muitos os imóveis atingidos, incluindo sede de museus, ateliês e residências.

Também sobre este problema, várias foram as notícias veiculadas pelos principais jornais de Recife e Olinda. Destacamos o artigo de Olímpio Bonald Neto,¹²¹ membro da Academia de Letras de Olinda e estudioso sobre a cidade, intitulado *A igreja de N. S. do Amparo não pode ruir*, publicado em 1985, no qual denuncia o descaso das autoridades em relação ao grave problema que afeta os monumentos históricos de Olinda e sua falta de manutenção. O registro jornalístico mostra o longo caminho que os administradores de Olinda tiveram que percorrer em busca de verbas para os trabalhos de manutenção e conservação dos monumentos de Olinda. Ainda assim, podemos perceber que as obras de escoramentos estão sendo executadas em apenas algumas igrejas.¹²²

Importante destacar que estudos foram feitos e providências estão sendo tomadas para a preservação das estruturas dos monumentos de Olinda em risco. Citamos aqui Jaime

¹²⁰ Sobre a importância da preservação do patrimônio histórico, consultar MILET, 1988.

¹²¹ BONALD NETO, Olímpio. *A igreja de N. S. do Amparo não pode ruir*. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 1, 7 out. 1985. Sobre este tema ver: GUSMÃO FILHO, 2001. O autor relata detalhes dos estudos técnicos sobre os deslizamentos dos morros da cidade e as equipes participantes dos trabalhos.

¹²² Na imprensa, as seguintes notícias foram destaques: *Diário da Noite*, de 14/05/71, denuncia: “Cientista confirma ameaça de deslizamento no Alto da Sé”. O jornal *A Última Hora*, de 13/08/71, publica a matéria: *Prédios de Olinda estão Ameaçados de Desabamento*. A Revista *Visão*, em 12/05/75, traz a manchete: “A morte lenta em Olinda: pouco se fez para salvar os monumentos ameaçados de Olinda.” O *Diário de Pernambuco*, em 21/05/79: “Olinda pede socorro pelo deslizamento”. Ainda em 06/08/85, encontramos no *Jornal Diário de Pernambuco*, o destaque: “Rachadura ameaça a igreja em Olinda: Igreja do Carmo está ameaçada de desabamento”. Em 19/03/86, foi publicado um artigo no *Diário de Pernambuco*, de autoria do antigo prefeito da cidade e grande defensor de Olinda, Barreto Guimarães, onde foram destacados os três grandes problemas de Olinda: 1- O avanço do mar; 2- O deslizamento dos morros, onde se encontra o que há de mais precioso, as igrejas, os conventos, o Mosteiro e o Seminário; e 3- Cheias provocadas pelas enchentes do Rio Beberibe que afeta os bairros da cidade. Em 1989, no *Jornal do Comércio* saiu a manchete: “Deslizamento de morro apavora moradores de Olinda”, fato ocorrido no Bairro de Águas Compridas.

Gusmão Filho,¹²³ que apresentou os trabalhos realizados pelo Centro de Tecnologia e Geociência, Escola de Engenharia da Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, no qual coordenou um grupo técnico e interdisciplinar de trabalhos e apresentou detalhados estudos, diagnósticos realizados e soluções apontadas para o problema da erosão:

Olinda, cidade Patrimônio Natural e Cultural da Humanidade, apresenta encostas com risco geológico de deslizamento, o que é uma grave ameaça à integridade do seu patrimônio. O mapa de risco ao patrimônio natural criado foi elaborado com base em fatores de risco com origem na geologia, topografia e condições ambientais. Além do tratamento existente e antecedentes históricos de danos. Conclui-se que as causas do risco alto, encontrado nas encostas verdes e de ocupação informal centenária, são de natureza geológica-geotécnica e ambiental.¹²⁴

Como vimos, as ressacas e a erosão em Olinda implicaram em danos irreparáveis para a cidade. No caso das ressacas, como vimos, significou perdas de bens materiais para a sua população, com graves repercussões para a cidade, que perdeu o posto de principal cidade balneária de Pernambuco. Isso implicou em perda de prestígio, mas também em perda de uma fonte geradora de empregos e renda para a municipalidade.

A destruição de ruas e casas também gerou impacto emocional nos olindenses, que tiveram a perda de bens de inestimável valor simbólico. A falta da “casa da infância” é algo muito doloroso e pode ser vivido como traumático, porque com as paredes e os telhados vão-se também muitos registros da memória e das representações sociais imaginárias da população. A casa é como um representante do próprio corpo do sujeito; nela estão gravadas as primeiras relações da criança com a família. Nesse local foram partilhadas experiências que não voltam jamais. Hábitos foram modificados, e o lazer foi retirado, principalmente para a parcela da população que tinha a praia, como um dos mais importantes ou único lazer, como vimos nos depoimentos.

Além do comprometimento estético de toda a zona litorânea da cidade, pois sua orla do entorno do Sítio Histórico foi toda atingida e permanece até os dias atuais sem utilização balneária, abriu-se uma ferida ou chaga dificilmente superada.

Percebemos que ainda hoje, no ano 2008, Olinda permanece com seus diques artificiais, em todas as praias em torno de seu Sítio Histórico, com a presença agressiva destes espigões de pedras. Atualmente, as praias de Olinda, livres e usadas para o banho de mar estão localizadas no litoral Norte, de parte de Casa Caiada até a Praia do Rio Doce, já em seu limite com o município de Paulista.

¹²³ GUSMÃO FILHO, 2001.

¹²⁴ Ibidem, p. 193.

A cidade de Olinda, como apontou muito bem Olímpio Bonald Neto,¹²⁵ tem sua vida caracterizada por um ritmo especial, de sucessivas ondas, porém o mar é voraz e vai engolindo e mastigando tudo ao longo do tempo. Assim, há os sucessivos ciclos de apogeu e declínio, muito bem ilustrados pelo autor:

Olinda é uma cidade plena de mistério e de magia. A própria vida social parece obedecer a um ritmo especial, de sucessivas ondas, através dos séculos, em fluxos de riquezas e de animação e tempos de remanso e de maré baixa, onde a penúria e a solidão marcam os anos. Sempre e sempre, num crescendo e num refluir de elementos, como se imitasse a permanente inquietude do mar voraz que vem mastigando ao longo dos últimos decênios, os arrecifes, as ruas e as casas.¹²⁶

Como são vistas essas perdas para os olindenses em sua antiga rivalidade em relação aos recifenses? Por serem cidades-irmãs, Olinda materna, geradora de outras cidades, pode-se dizer que a rivalidade entre seus filhos é constitutiva desses vínculos que sempre são ambivalentes, de amor e raiva, como são construídas as relações entre os irmãos, por ciúmes fraternos e inveja, pelas atenções e desejos de ocupar os lugares de preferidos junto aos genitores, como nos ensinou Sigmund Freud¹²⁷ em seu clássico estudo sobre as relações edípicas familiares.

Já Jacques Lacan¹²⁸ é mais radical, quando afirma, a respeito da rivalidade e dos ciúmes nas relações sociais e familiares:

[...] os ciúmes humanos se distinguem da rivalidade vital imediata, já que constituem seu objeto em maior medida do que ele os determina: se revelam assim como o arquétipo dos sentimentos sociais [...] os ciúmes, em sua base, não representam uma rivalidade vital senão uma identificação mental.

A rivalidade entre as cidades é confirmada pela seguinte descrição do Recife:

Nada de muito especial, nenhuma beleza extraordinária, naquele burgo insalubre onde os habitantes de Olinda pisavam com cuidado para não sujar suas custosas sedas. Assim era Recife, até os primeiros anos do século XVII, um porto por excelência. O de maior movimento da América Portuguesa escoadouro principal das riquezas da mais promissora de todas as capitanias: Pernambuco.¹²⁹

¹²⁵ BONALD NETO, Olímpio. *Os gigantes foliões em Pernambuco*. Olinda: Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda, 1992.

¹²⁶ Ibidem, p. 50.

¹²⁷ FREUD, 1974b.

¹²⁸ LACAN, 1977, p 34-45.

¹²⁹ SILVA, 1992, p. 12.

O Recife descrito cresceu, desenvolveu-se e mudou totalmente de fisionomia. E Olinda, ao lado, não deixou de perceber toda esta transformação. E quais os sentimentos que tudo isto gerava em seus habitantes? A descrição da situação de Recife e Olinda, na visão do cronista Daniel Kidder,¹³⁰ que foi testemunha dessas novas realidades, claramente aponta a rivalidade entre elas e o orgulho dos olindenses:

Olinda foi a capital da província durante quase dois séculos. Conquanto invulgar, a beleza de sua situação não favorecia o comércio por ficar muito distante dos arrecifes que formam o único porto da região. Por isso, aos poucos foi-se agrupando nova povoação junto ao molhe natural, cujo nome tomou. Os habitantes de Olinda votam aos da nova aldeia o mais acerbo *desprezo*, apelidando-os de “mascates”. Apesar de tudo, a conveniência acabou sobrepujando o romantismo e a aristocracia. A cidade do Recife passou a ser a capital e Olinda, mantendo ainda o *orgulho* de sua situação e passada grandeza, regrediu à *insignificância de subúrbio* e sua *rival*.

A questão que colocamos e foi ilustrada pela foto que inicia este capítulo, é que as duas cidades, Olinda e Recife, são muito próximas e se oferecem ao olhar sem pedir permissão. Impõem-se à visão dos olindenses e dos recifenses permanentemente, como se fossem uma só. Estão intrinsecamente ligadas. Ressalto aqui a visão de Olinda e Recife feita por Joaquim Nabuco e citada por Leonardo Silva,¹³¹ que revela uma das principais características de suas paisagens e assim marca sua impressão: a vista do Recife do alto da Sé, em Olinda:

A vista de Olinda é outra; é uma vista em comprimento, em que os planos sucedem-se uns aos outros como o desenvolvimento da mesma sensação visual, em que desde Olinda até ao Recife, e mais longe até o Cabo de Santo Agostinho. O olhar não precisa mover-se para apanhar a totalidade do cenário que se prolonga à beira do mar, salpicado das velas brancas das jangadas, penas destacadas das grandes asas da coragem, do sacrifício e também da necessidade humanas!

Após expor a proximidade das duas cidades e as rivalidades entre elas — ainda hoje percebida entre olindenses e recifenses, que revelam os traços identitários de suas cidades —, podemos também perceber os graves problemas de Olinda, suas fases de apogeu e de declínio que a afastaram cada vez mais de Recife em termos de desenvolvimento. Sobre esta questão, vejamos o que nos revela o historiador Evaldo Mello:¹³²

A má-vontade da gente de Olinda e da sua Câmara contra o Recife é, aliás, anterior ao domínio holandês e ao desenvolvimento urbano do período nassoviano. Que escrevia em 1612 o autor do “Livro que dá Razão do Estado do Brasil”. [Refere-se à D. C.

¹³⁰ KIDDER, 1980, p. 101, grifos nossos.

¹³¹ SILVA, Leonardo Dantas. Olinda de onde se vê. *Revista Continente-Documento*, Recife, ano IV, n. 42, p. 25-26, 2006f. p. 25-26.

¹³² MELLO, E., 1975, p. 293, grifos nossos.

Moreno] Que a Câmara de Olinda estorvava quanto podia o crescimento do Recife, proibindo com penas graves que se edificasse na povoação nem que assistisse nela ministro algum, a não ser o juiz da vintena. E o motivo desta atitude era o temor de que se desvalorizassem os prédios da vila e de que diminuísse o seu movimento comercial. Isto quando o Recife era apenas “o Povo” e, na descrição feliz do Sr. J. A. Gonsalves de Mello, um “burgo” de marinheiros e de gente ligada ao serviço do porto, burgo triste, sem vida própria, para onde até a água tinha de vir de Olinda.

A citação permite-nos perceber que as origens das disputas, rivalidades e ciúmes entre os olindenses e recifenses são antigas e baseadas numa histórica luta política pelo poder econômico. Assim, a valorização das terras em Recife, motivada pela localização do porto, foi responsável pelo desenvolvimento desta cidade que sobrepujou Olinda. Houve derramamento de sangue em lutas fratricidas, pois Olinda havia experimentado ser a sede do poder de toda a capitania e viu o poder político, militar, econômico e religioso serem transferidos gradualmente para o Recife. Esta realidade permanece até hoje e foi ilustrada muito bem pela depoente Roziane Bernardo de Holanda Ribeiro, quando chama os recifenses de “irmãos e primos ricos”, sendo Olinda o lugar dos “primos pobres”.

No próximo capítulo, iremos apresentar o crescimento de Olinda com a implantação dos novos bairros, das novas faculdades, o aumento de sua população e a evolução da cidade, já na contemporaneidade. Vamos também comparar esse desenvolvimento ao experimentado por Recife, ao se transformar em uma metrópole regional nordestina.